

IMPrensa ARGENTINA, LIBERDADE E PAPEL

BUENOS AIRES, julho. (Gentileza da Pa-nair do Brasil) — Há liberdade de imprensa na Argentina?

A resposta é um adjetivo: relativa. E nem poderia ser de outra maneira. Para começar, a imprensa peronista foi suprimida; seus jornais ou foram devolvidos aos antigos donos ou estão sob regime de intervenção, à espera de uma solução definitiva. Mais: um decreto-lei do governo provisório, de redação não muito clara, proíbe a citação «con fines de afirmación ideológica peronista», do nome próprio do ex-ditador e seus parentes e das expressões «peronismo», «peronista», «justicialismo» «tercera posición», assim como publicação de fotografias dos funcionários peronistas, símbolos do partido, hino, etc. Na prática o nome de Perón não é citado nos jornais nem para xingamento. Não se trata de um tabu, tanto assim que uma vez ou outra, aqui ou ali, o nome aparece. Mas é quase sempre evitado; e como eu perguntasse a um secretário de jornal por que isso, êle me olhou espantado: «e você não crê que já lemas e ouvimos demais o nome dêsse homem? Durante anos e anos êle esteve em todos os muros, em todos altos-falantes, em tôda parte. Por Deus, chega!»

Não há censores. Os dois grandes jornais, «La Prensa» e «La Nación» — isso me disse o diretor do primeiro, o sr. Gainza Paz — estão de pleno acôrdo com a orientação geral do governo e procuram não publicar nada que leve água ao moinho peronista, embora possam debater livremente qualquer assunto. Os outros estão quase todos com interventores designados pelo governo, ou em posição tal que não lhes interessa também criticar as autoridades.

OS QUE CRITICAM

Há, porém, alguns jornais independentes, quase sempre semanários, insuspeitos de peronismo, que fazem crítica franca a muitos atos do governo, e dos mais importantes. O fuzilamento dos rebeldes de junho, por exemplo, foi fortemente censurado por «Azul y Blanco», órgão de uma corrente católica-nacionalista (Mário Amadeo, que foi chanceler no governo Lonardi e o general Bengôa, que está prêso ou confinado em uma cidade do interior). Um dos jornais que exprimem as várias facetas do pensamento radical também condenou êsses fuzilamentos de maneira severa. Por sua vez «Nuestra Palabra», jornal do Partido Comunista (Conclui na 14.ª página)

tamente afirmações do general Aramburu e a venerável «La Vanguardia», socialista, embora apóie o governo, não deixa de censurar tudo o que lhe parece censurável.

Uma das revistas mais interessantes e que às vezes é mordaz da crítica ao governo é «Qué». Enfim, há uma liberdade relativa.

A IMPRENSA EX-PERONISTA

Perón, através de Eva, Aloe e outros parceiros, andou comprando, por bem ou por mal, o contróle das ações de quase tôda a imprensa e rádio da Argentina.

O caso de «La Prensa» é conhecido: resistiu a tôdas as pressões, foi fechado e entregue à CGT; agora foi devolvida aos seus donos. «La Nación» conseguiu atravessar tôda a época mamparreando, embora se soubesse que seus dirigentes não simpatizavam com o peronismo. «El Clarín» está em situação semelhante; como outros jornais, beneficiou-se de certo modo com o eclipse de «La Prensa», pois pegou a freguesia de muitos pequenos anunciantes. Em circulação vem logo abaixo dos dois grandes.

«La Epoca», de pequena circulação, voltou às mãos de um grupo radical; «Noticias Gráficas», que o temível Agustí foi praticamente obrigado a vender ao grupo peronista por um preço muito abaixo do valor (deram-lhe depois como compensação a embaixada em Moscou,

Ausculta . . .

mas nunca chegou a assumir esse pôsto) está sob intervenção; o antigo dono tenta recuperá-la em juízo. Assim também «Crítica», que o barbichudo «Poroto», filho do velho Botana, também quer recuperar, desfazendo o negócio feito com o insaciável grupo Aloe. «Democracia», o antigo jornal dileto de Eva Perón, está sob intervenção e com a circulação reduzida; «Diário Laborista» foi entregue novamente — não sua propriedade, por enquanto, mas sua direção — a um grupo do antigo Partido Laborista, de Cipriano Reyes, e Bracamonte, que apoiou Perón em sua primeira campanha e depois foi rudemente perseguido por êle.

PAPEL

Os jornais argentinos não gozam do mesmo privilégio dos brasileiros que adquirem seu papel pelo câmbio oficial. Cada jornal tem direito de receber sua cota, pagando 75 por cento ao câmbio oficial de 18 pesos o dólar (que hoje vigora praticamente para tôdas as importações e exportações normais) e os restantes 25 por cento ao câmbio livre, que anda pela altura dos 32 pesos. Resulta o dólar, em média, a 23,50 pesos, o que equivale mais ou menos a 61 cruzeiros e meio, ao câmbio de hoje. O resultado é que os jornais tiveram de aumentar o preço da venda avulsa de 40 para 60 centavos, o que resultou numa queda média de 30 por cento na circulação, e não paga o custo do jornal.

A Argentina produz (com bagaço de cana) cerca de 22 por cento do papel de imprensa que consome.